



Publicação dos Investigadores do CEIAP
Universidade Moderna de Lisboa
Julho de 2006

Laboratório EXPERICE (Paris 13 – Paris 8) ; Laboratório CEIAP (Universidade Moderna de Lisboa)

Artigo publicado na revista *Corps et formation*, Revista internacional *Pratiques de formation*, Universidade de Paris 8, n° 50, Dezembro de 2005, pp. 51-64

O corpo sensível: que lugar na investigação de formação?

Eve Berger

Tradução de Catarina Santos

«Se as janelas da percepção estivessem limpas, cada coisa apareceria ao homem – assim como ela é – infinita. Pois o homem encerrou-se ao ponto de não ver mais do que através das fissuras estreitas da sua caverna.»

William Blake

Resumo

A dimensão sensível do corpo, considerada como a relação à ressonância corporal de toda a experiência, não foi ainda formalizada na investigação em formação. Este artigo propõe algumas pistas para abordar esta temática através de uma abordagem teórica e experiencial do sentido do movimento.

Résumé

La dimension sensible du corps, considérée comme le rapport à la résonance corporelle de toute expérience, n'a pas encore été formalisée dans la recherche en formation. Cet article propose quelques pistes pour l'aborder, notamment à travers une approche théorique et expérientielle du sens du mouvement.

Abstract

The body's sentient dimension, seen as the relationship between experience and its resonance in the body, has never been formalised within the context of educational research. This article presents some directions which address this dimension, specifically through a theoretical and experiential approach of the sense of movement.

De todas as questões colocadas por este número da revista *Práticas em Formação*, existe uma que, muito particularmente, ecoa no meu percurso de praticante-investigadora: como é que as experiências do corpo participam na formação do si? Após vinte anos de um percurso de praticante e formadora em fasciaterapia e somato-psicopedagogia, os elementos de resposta que posso propor actualmente, vêm de um longo caminho experiencial e teórico voltado para o sentir do corpo enquanto *pivot* de acesso à experiência. Ao inscrever-se no quadro experiencial e teórico evidenciado por Danis Bois, precursor destas abordagens que me guiaram sobre a via da corporeidade sensível, eu aprendi a tocar, no sentido lato do termo, o 'lugar' do corpo onde, na maior profundidade de uma interioridade móvel, nos podemos perceber como indivíduos incarnados. E aprendi a descodificar as manifestações de vida que aqui se desenvolvem até as reconhecer, impercepções, até então, elementos de mim, da minha história.

Assim, o corpo que será questionado nesta contribuição é o corpo sensível (Bois, 2001; Leão, 2002), no sentido do corpo de experiência, do corpo considerado como sendo a caixa de ressonância de toda a experiência, quer ela seja perceptiva, afectiva, cognitiva ou imaginária. Uma caixa de ressonância capaz de receber de uma só vez a experiência e de a reenviar ao indivíduo que a vive, tornando-a palpável e assim acessível; capaz também, através das vias próprias de ultrapassar os utensílios quotidianos da atenção a si, desvendando as facetas da experiência, inalcançáveis pelo retorno puramente reflexivo: subtilezas, nuances, estados, significações às quais que não podemos chegar senão através de uma relação perceptiva íntima com esta subjectividade corporal e que poderão de seguida enriquecer as representações de significações e de valores renovados.

Das questões colocadas pela corrente da somato-psicopedagogia e que residem na minha investigação, citemos por exemplo as seguintes: em que condições a capacidade de sentir o seu corpo e de tirar sentido deste sentir é educável? Em quê um desenvolvimento desta capacidade pode transformar a presença de um indivíduo a ele próprio, ao seu modo de ser com o mundo, às suas interações com os outros? Será que uma relação mais consciente às mudanças de estados internos pode favorecer uma forma de comunicação verbal, pré-reflexiva e imediata, que tenha neste sentido, um carácter universal?

Este questionamento, pela sua temática, como pela raridade das suas respostas propostas, situa-nos numa perspectiva antropológica global, na qual, para retomar as propostas de J.-L. Le Grand, «*A questão central é saber como um humano progride, se desenvolve, não somente nos meios, mas também no seu desejo de aprender, de adquirir novas faculdades, de crescer. Este humano é assim um sujeito de cultura, um sujeito sexuado e sentimental, um sujeito em investigação por vezes errático de desenvolvimento pessoal, um sujeito possuidor de um corpo, um sujeito que vive para além retirada contraída, um sujeito situado intergeracionalmente, um sujeito que aprende no quotidiano, todas as coisas que são evacuadas da maioria dos trabalhos e investigação de uma educação permanente frequentemente reduzida à sua visão utilitária de formação profissional contínua formal.*» (Le Grand, artigo publicado em formato Stencil)

E necessário afirmar, efectivamente, que o corpo sensível não é, nem de longe nem de perto, o assunto mais estudado na investigação em educação e em formação, como o coloca em evidência uma análise profunda sobre os últimos quarenta anos em ciências da educação (Berger, 2004). Neste estudo, estudei diferentes tipos de trabalho para extrair categorias representativas das diferentes facetas da existência corporal tal como ela se revela nas Ciências da Educação. Pude assim extrair quatro categorias, correspondentes a quatro formas de conceber o corpo, por vezes contraditórias, por vezes complementares, a saber: o corpo como lugar de potencialidades não exploradas, o corpo como conjunto de representações pulsionais, o corpo como linguagem social e enfim, o corpo como suporte de interacção.

O primeiro, o corpo-potencial, é relativo à década de 1975/1985 quando, pouco após a sua criação institucional, a disciplina foi atravessada por uma corrente de práticas oriundas do movimento do potencial humano. O corpo aparecia aqui como um receptáculo de potencialidades sub-estimadas, sensoriais e motoras, representando um verdadeiro «tesouro» que jazia adormecido em si, sem que tivéssemos consciência. Explorar e desenvolver estas

potencialidades é o desafio destas novas correntes. Para além da evidência encontrada que todos os nossos comportamentos são, à primeira vista corporais, uma outra ideia importante se revela que não cessa, após a sua confirmação pelos trabalhos mais recentes de numerosas disciplinas¹: a ideia de que todo o pensamento passa pelo corpo; que todo o pensamento é o corpo; mais ainda, que o corpo é a pessoa. É a «*redescoberta da unidade indissociável do homem. Corpo e psiquismo, vida interior e expressão corporal são inseparáveis no homem vivo e desperto.*» (Lemaître, Colin, 1975, p. 17)

Uma outra faceta do corpo presente no campo das Ciências da Educação reside na vida pulsional que o habita. Instalado como uma referência evidente para numerosos investigadores e autores, o corpo descrito pela teoria psicanalítica é um corpo fantasmático, simbólico, imaginário, que não concorda com o corpo físico real. Esta dissociação encontra a sua origem na mais tenra infância onde, desde logo, o corpo é vivenciado como um conjunto de diversas pulsões sexuais. À medida que cresce, como é óbvio, constrói-se a imagem ao corpo que dará ao adulto o sentimento de unidade orgânica. Mas esta não se substituirá jamais na totalidade à estrutura libidinal imaginária do corpo, que permanecerá, mesmo na idade adulta, parceira obrigatória da vida psíquica. O corpo físico desempenha aqui um duplo papel paradoxal: por um lado é o porta-voz do sofrimento psíquico oferecendo a sua matéria como suporte de materialização dos problemas, por outro lado, ele constitui a mentira deste mesmo sofrimento, pois que ele dá aos problemas, de natureza puramente psíquica, uma aparência orgânica. Ele é então simultaneamente indispensável para 'dizer' a doença, torná-la visível, e profundamente enganador se quisermos extrair a origem real da doença tal como ela é compreendida segundo os princípios freudianos.

Quanto ao corpo como linguagem social, este é sem dúvida, o aspecto mais presente e mais desenvolvido nas Ciências da Educação. O corpo aparece como um objecto socialmente construído, isto é, colocado em evidência para e por um determinado indivíduo, no seio de um conjunto simbólico de significações que não adquirem sentido se este indivíduo, com o seu corpo, for tomado no grupo de humanos onde está inserido. A sociologia sai assim do corpo na sua história individual para sublinhar a sua inserção numa sociedade portadora de valores, de modas, de injunções que o orientam e o formam em retorno.

Quando M. Mauss publica, em 1936, o seu texto célebre e fundador «As técnicas do corpo», ele revela que os gestos como andar, correr, nadar, fazer amor, longe de fazerem parte de um repertório natural e universal do homem, são na realidade verdadeiros «hábitos», produzidos pelas sociedades e pelas culturas. A sua famosa frase «*Em suma, não existe talvez 'forma natural' no adulto.*» (Mauss, 1936, p. 370) será retomada muito tardiamente nos mesmos termos por D. Le Breton: «*Não existe natural num gesto ou numa sensação*» (Le Breton, 2002, p. 6).

Mais recentemente, P. Bourdieu tem insistido fortemente sobre a dimensão corporal das práticas sociais, mostrando como o corpo é um lugar simultaneamente de aprendizagem, de inscrição e de memorização de hábitos de classe.

O corpo como suporte de interacção², enfim, emerge de certas disciplinas suportadas por uma abertura operada pelo movimento do potencial humano, tentando formalizar a noção de linguagem corporal enquanto categoria semiótica. Nesta direcção de investigação³, onde se trata de focalizar de certa maneira que o corpo participe às interacções entre os indivíduos, os trabalhos de C. Pujade-Renaud fazem, na nossa perspectiva, figura de excepção. Em primeiro lugar porque, contrariamente à tendência divulgada na época, estes trabalhos visam expressamente a elucidação e explicitação dos processos não verbais evidenciados nas relações num grupo-classe, ou num grupo em formação: «*Desvendar o que, por razões ideológicas e morais, permanece não explicitado na relação educativa.*» (Pujade-Renaud, Zimmermann, 1979, p. 26). De seguida, porque a sua posição visa menos o reconhecimento de

¹ Psicologia do desenvolvimento, neurociências, para não citar mais.

² Esta distinção entre um corpo social e um corpo na interacção foi, essencialmente, estabelecida por razões de clareza, pois é difícil na realidade, distinguir formalmente um do outro, tanto que a comunicação não verbal desempenha um papel primordial entre os sinais de pertença social.

³ Colocamos de lado os trabalhos oriundos da cinética, metodologia complexa de análise do comportamento corporal, segundo o modelo da linguística estrutural, que não deu lugar a nenhum desenvolvimento real em Ciências da Educação.

uma unidade entre corpo e linguagem que aquela de um ‘afastamento’ fecundo entre os dois, posição original de uma época, onde o movimento do potencial humano está em plena expansão, posto isto, esta situação supõe como representação de unidade corpo / espírito. Excepção enfim, porque o seu percurso se revela particularmente fértil em termos de aplicações pedagógicas, comparativamente a outras reflexões em torno da questão do corpo.

À luz desta categorização, uma constatação que se impõe é que a diversidade das escolhas epistemológicas, as posições teóricas e as posturas metodológicas que deixam entrever dois grandes tipos de pontos de vista sobre o corpo.

O primeiro (oriundo nomeadamente do movimento do potencial humano) consiste numa fusão com uma vivência corporal absolutamente potente, um ‘corpo todo’ que tem tudo a ver com uma nova forma de dualidade e se encontra por vezes em quase-oposição com as modalidades intelectuais de tomada de conhecimento. Mesmo se a questão da sensibilidade corporal estivesse bem presente, iríamos rapidamente deparar-nos com limites, nomeadamente quando se trata de prolongar a vivência do corpo nas significações elaboradas que lhe irão conferir todo o seu sentido. Ora, formar não se pode limitar a fazer viver uma experiência; é necessário também criar as condições necessárias para que o indivíduo que fez a experiência possa colocar-se a questão: «O que é que eu aprendi desta experiência?», e oferecer-lhe os meios de construir utensílios para trazer alguns elementos de resposta.

O segundo ponto de vista, particularmente presente nas abordagens sociológicas do corpo, opera inversamente a partir de uma visão exterior, numa distanciação voluntária com o objecto de investigação: o corpo é olhado, observado de fora, no que nele é visível no exterior, seja directamente pelo investigador, seja por intermédio da encenação de utensílios diversos (fotografias de classe, vídeos, imagens de imprensa, ...). Neste último caso, o corpo, representado, fotografado, desenhado, esquematizado, filmado, oferece uma imagem que vai, por seu turno, ser examinado pelo investigador, encontrando-se sob uma espécie de olhar duplo na terceira pessoa, de qualquer forma, seis vezes colocado à distância. Compreendemos que esta concepção deixa um lugar restrito a uma investigação do domínio sensível.

O olhar pousado no corpo pulsional não escapa a esta distanciação; a prioridade que ele confere ao fantasmático é tal que, efectivamente, ele deixa pouco espaço mesmo à possibilidade de uma consciência oriunda de uma sensibilidade fisiológica e que poderia existir fora – ou à superfície – de uma simbolização omnipresente. Uma posição tão veemente é no entanto dificilmente sustentável numa época onde as investigações mais recentes demonstram que a criança se constrói também e em primeiro lugar sobre a percepção do seu corpo real, percepção que repousa sobre o toque, sobre o sentido proprioceptivo (do qual falaremos mais tarde) e sobre as sensações muito subtis de mudança do meio interno. É necessário então aceitar a ideia segundo a qual a experiência interior que o sujeito faz do seu corpo é fruto de uma situação plural, onde a vivência não mais do que imaginária, onde a inscrição da história singular coabita com algumas informações fisiológicas da sensibilidade, estas últimas podendo fazer sentido através de outras leis que não as da simbolização. Não poderemos nós imaginar que, no campo da subjectivação, cada uma das dimensões coabita com a outra, colora-a sem excluí-la, potencializa-a e magnifica-a?

Seja como for, os trabalhos realizados até agora, parecem não ter permitido, formalizar a dimensão sensível do corpo de forma estruturada e realmente completa. É o que sugere R. Barbier quando escreve: «*Ainda que tenhamos falado muito do ‘corpo’ em ciências sociais, estes últimos anos revelaram que poucas coisas foram escritas sobre a questão do corpo sensível. Os estudos têm-se incidido, sobretudo, sobre a função do corporal na sociedade ou sobre o corpo pulsional através da fantasmática que fazemos dele.*» (Barbier, 1994, p. 116)

Para levar a investigação mais longe nesta direcção, é necessário, sem dúvida, aceitar procurar do lado do desconhecido, do inexplorado, aliando-nos àquela espécie de aviso lançado por M. Mauss: «*Quando uma ciência natural faz progressos, ela não os faz jamais senão no sentido concreto, e sempre no sentido do desconhecido. Ora o desconhecido encontra-se nas fronteiras das ciências (...) É geralmente nestes domínios mal partilhados que se gizam os problemas urgentes. Estes terrenos baldios trazem uma marca. Nas ciências naturais tal como elas existem, encontramos sempre uma rubrica vilã. Existe sempre um momento no qual a ciência de alguns factos não está ainda reduzida a conceitos, estes factos não estão mesmo agrupados*

organicamente, plantamos sobre as massas de factos os limites da ignorância: “Diverso”. É aqui que é necessário penetrar. Estamos certos que aqui existem verdades a encontrar: em primeiro lugar porque sabemos que não sabemos, e depois porque temos o sentido vivo da quantidade dos factos.» (Mauss, op. cit., p. 365) O corpo sensível, sem nenhuma dúvida, é um destes terrenos baldios, um destes hiatos onde verdades nos esperam.

R. Barbier foi um dos raros autores que abordou, directamente, a questão do sensível em ciências humanas, não hesitando em definir um «*princípio de sensibilidade em ciências do homem e da sociedade*». A definição que ele dá é esta: «*a sensibilidade é ‘o que faz sentido por todos os sentidos’.* (...) *Os sentidos em questão são aqui, antes de tudo, os cinco sentidos da neurofisiologia clássica: o paladar, o tacto, a visão, a audição, o odor. Trata-se de um retorno ao corpo fundamental da vida pessoal e social. O corpo no qual tudo se enraíza e se vivencia, inscrevendo-se num campo simbólico.*» (Barbier, op. cit., p. 115)

Se esta concepção parece querer dar enfim as suas cartas de nobreza ao lugar do corpo numa abordagem sensível do si, do outro e do mundo, ela coloca, no entanto, a questão exacta que é necessário dar à sensibilidade corporal. O autor em si próprio parece não estar certo dos limites a colocar quando afirma, a propósito da necessidade de estudar doravante o corpo na sua natureza sensível: «*Esta orientação obrigar-nos-á, sem dúvida, a colocar-nos limites da nossa teoria dos cinco sentidos. (...) Não existirá um sexto sentido? Qualquer coisa como uma intuição vivenciada intensamente em certos momentos, uma faculdade de conhecer por ‘co-naturalidade’, com uma espécie de ‘intelecto iluminador’ como propunha Jacques Maritain na sua época? Sob este plano a sensibilidade abre-se para a questão de um sentimento que não é nem da ordem do pensamento nem da ordem da sensação propriamente dita, mas que os engloba e que os ultrapassa.*» (Ibid, p. 116)

Ninguém pode negar (nem investigadores, nem o próprio indivíduo), se ele souber observar nem que seja um pouco, a realidade deste género de experiência onde um saber se impõe subitamente, derrotado pela sua manifestação, surpreendido pela espontaneidade, convencido pelo sentimento de evidência que ele transporta. Que esta realidade tome a forma de intuição imediata dos filósofos, da iluminação de génio dos científicos onde, muito simplesmente, a súbita lembrança do gosto da vida pode surpreender a qualquer momento todos os seres humanos; esta fulgurância não pode esquecer a sua relação com o corpo: o sabor que ela difunde, o silêncio que ela impõe para melhor escutá-lo, o sentimento no momento preciso no qual o capta, de ser perfeitamente ‘encaixado’ consigo próprio, mas também intensamente vivo... tudo isto não é profundamente corporal? Onde poderemos viver isto senão no corpo?

E, por outro lado, parece tão difícil de afirmar que não se trata ‘mais do que’ uma percepção exteroceptiva, ou seja proveniente dos cinco sentidos classicamente descritos...

Compreendemos então a interrogação de R. Barbier, formulada nestes termos: «*A escuta sensível estende-se sob a totalidade complexa da pessoa: os cinco sentidos. (...) Saber se existem mais de cinco sentidos é um assunto de avaliação e de experiências íntimas como nos deixa supor o que vivem ou viveram os membros de uma ‘outra’ cultura.*» (Barbier, 1997, p. 296)

A minha experiência da somato-psicopedagogia, desenvolvida no CEIAP⁴ da Universidade Moderna de Lisboa, leva-me a propor alguns elementos para contribuir para a compreensão do sensível corporal. O primeiro elemento, oriundo muito oficialmente da neurofisiologia da percepção, é a existência efectiva, no homem, de um sexto sentido: o sentido proprioceptivo. «Próprio»: em si, no próprio. Esta modalidade sensorial, muito bem objectivada, permite a uma pessoa sentir-se a si própria, a partir da percepção da sua postura e do seu movimento. Trata-se de uma sensibilidade que podemos dizer ‘interna’, em primeiro lugar, porque os seus captos estão situados no coração da matéria do corpo, invisíveis do exterior, contrariamente aos olhos e às orelhas. Interna igualmente, pois não está directamente orientada para fora, mas porque se consagra a informar ‘pelo interior de si’ a postura na qual nos encontramos, o movimento que estamos a fazer, aquele que nos preparamos para fazer; interna, porque nos informa de alguma maneira, onde estamos, de onde vimos e para onde

⁴ Centro de Estudos e Investigação Aplicada em Psicopedagogia Perceptiva.

vamos. Destutt de Tracy, no início do século XIX, tinha a intuição daquilo que foi actualmente confirmado por investigações em neurofisiologia: «A *faculdade de fazer movimento e de ter consciência deste é uma espécie de sexto sentido, e o único que faz sentir a relação que existe entre o nosso eu e os objectos exteriores.*» (Trabalho sobre a faculdade de pensar) E foi em 1890 que Sherrington descobriu o sentido proprioceptivo muscular que nomeou de «*âncora orgânica da identidade*».

Cerca de 120 anos após a descoberta da sua existência e dois séculos depois das primeiras intuições que o implicavam, este aspecto da construção do humano permanece rodeado de um silêncio espantoso em ciências do homem; talvez seja necessário ver, justamente, o indício de que se passa alguma coisa, e que é necessário interrogar... Aliás, algumas disciplinas que adoramos dizer que estão muito distantes das ciências humanas, colocam o sentido do movimento no centro da possibilidade de se viver, como sujeito, fazendo dele por exemplo: «*o primado de toda a sensação*» (Streri, 1996, 2000), o fundamento do «*sentimento de encarnação*» (Roll, 1999) ou ainda uma fonte do «*sentimento de si*» (Damásio, 1999).

O corpo sensível, para além da realização dos cinco sentidos exteroceptivos, é então, primeiramente e sobretudo, na minha investigação, o corpo que se move e que através do seu movimento, testemunha. Testemunha o facto que o sujeito está bem vivo, mas também curiosamente, que este sujeito é ele próprio. É o fenómeno que O. Sacks sublinha dizendo: «*É-nos necessária, com efeito, a permissão, se o podermos dizer, da propriocepção para vivenciar o nosso corpo como sendo nosso, como sendo nossa propriedade. (...) O lado incontestável do corpo, a certeza da sua existência, é (...) o princípio e a base de toda a certeza.*» (Sacks, 1992, p. 65-66)

Este célebre neurologista inglês, famoso pelos seus apaixonantes e extremamente humanos estudos de pacientes sofrendores de patologias neurológicas, descreve o caso de Christina, a quem uma doença brutal e excepcional faz perder definitivamente toda a propriocepção, da cabeça aos pés. Com o passar dos anos, adquirindo inimagináveis compensações essencialmente visuais («*era-lhe necessário completar a informação com a vista, não podia fazê-lo pela sensação*») Christina reaprende a agir, mas não pôde jamais sentir o seu corpo, não o vivenciou jamais como sendo seu. Nenhuma palavra pode descrever o seu estado, mas do qual O. Sacks faz esta descrição terrível: «*Ela simultaneamente conseguiu e falhou, de uma forma remarcável. Ela conseguiu manobrar, mas ela não conseguiu ser.*» (Ibid., p. 77)

Assim a experiência do nosso corpo em movimento – ‘quando eu mexo, alguma coisa em mim me diz que sou eu que mexo e não outra qualquer pessoa’ – é uma experiência fundadora que nos revela a nós mesmos como distintos dos outros, que pode também oferecer o sentir em toda a sua dimensão incarnada ‘a espessura’ de uma criança que temos nos braços. No entanto, esta experiência não é vivida como tal na existência de todos os dias: como efectivamente reconhecer na nossa gestualidade quotidiana, tornada anónima pela sua ‘utilização’ automática e maquinal, a possibilidade de um sensível que nos pertence e que funda o nosso sentimento de ser no mundo?

E aqui que podemos compreender a ideia central da somato-psicopedagogia, segundo a qual o reconhecimento da ‘corporeidade da experiência’ passa necessariamente por uma renovação da relação ao corpo – o seu próprio e aquele do outro, o que implica, ao menos, tanto uma renovação das condições da sua percepção, quanto uma renovação das representações que o acompanham. É-nos então necessário, fazer intervir uma espécie de ‘sétimo sentido’: que é a «intuição vivenciada intensamente» da qual fala R. Barbier? Será que se trata de uma forma particular de viver, de receber, de perceber, o que é captado pelos outros seis sentidos? Ou ainda, como o sugere D. Bois, de uma relação enfim consciente a um ‘lugar’ de si, onde viver e perceber isto?

Nesta última óptica, o modelo prático e teórico da somato-psicopedagogia propõe em primeiro lugar um quadro inédito da experimentação do movimento; este quadro é chamado «extra-quotidiano» por significar que a execução da situação proposta faz com que a pessoa saia das suas condições habituais de utilização da sua gestualidade⁵. Estas condições são concebidas

⁵ Descrever em detalhes estas condições extra-quotidianas necessitaria de mais espaço. Para saber mais, ver Berger (1999), Bois (2001), Noël (2000).

para permitir a instalação, na pessoa, de um «paroxismo perceptivo», criando-se então a oportunidade de entrar em relação com uma sensibilidade que não me parece revelar nem os sentidos exteroceptivos nem do sentido da propriocepção, mas que aparece antes como uma capacidade de sentir de maneira profundamente encarnada e ecoante, o eco corporal interno de toda a experiência. D. Bois dá assim como descrição do sensível: «*A percepção subjectiva da experiência corpora interna oferece-nos uma mudança permanente do meio interior, com qual nós entramos em ressonância, na atitude irreflectida. Eis a experiência do sensível da qual eu falo.*» (Bois, no decorrer de uma aula)

Esta experiência faz encontrar diferentes graus de maleabilidade ou de densidade interior, diferentes estados e mudanças de estados, passagens da tensão ao relaxamento, da agitação ao apaziguamento, de um sentimento a outro... O sensível aparece aqui como proveniente de uma maneira repartida, um conjunto de material do corpo, um 'tudo de si' que podemos sem dúvida aproximar daquilo que Merleau-Ponty chamava, O visível e o invisível, a «matéria»: a «lareira dos sentidos», da qual emerge o pensamento.

Pois é um facto : a experiência não é aqui somente 'vivenciada' ; para além daquilo que ela dá a sentir, extrai-se dela o seu sentido profundo, o valor daquilo que ela pode tomar para a pessoa que a vive. O corpo sensível torna-se então, em si próprio, um lugar de articulação entre percepção e pensamento, no sentido no qual a experiência sensível revela uma significação que pode ser extraída em tempo real e integrada de seguida nos esquemas de acolhimento cognitivos existentes, numa eventual transformação dos seus contornos.

Assim, as sensações que nascem da experiência extra-quotidiana do movimento, a percepção destas sensações e as significações que advêm desta percepção emergem conjuntamente do fenómeno experiencial, fundando-se numa espécie de 'gesto perceptivo-cognitivo' fundador. É aqui que se situa o sentido último da «modificabilidade perceptivo-cognitiva», noção central do modelo somato-psicopedagógico: permite a uma pessoa aprender a tirar sentido da sua experiência vivenciada de forma inédita, solicitando na pessoa a capacidade que necessita ser desenvolvida, enriquecendo o seu campo representacional 'a partir' de dados corporais sensíveis. Trata-se, nem mais nem menos, que aprender a deixar as suas opiniões, as suas crenças, os seus julgamentos de valor, serem interrogados no interior por uma experiência que de pleno direito, toma valor de acesso ao saber.

Colocamos a hipótese que a relação ao corpo sensível considerada desta maneira, é educável. Mas para que esta educação encontre as condições que a tornem possível de estudar, é necessário olhar a investigação de forma mais 'ousada', seguindo por exemplo a posição de C. Pujade-Renaud: «*Investigar, parece-me, ser também abrir uma brecha na opacidade destas resistências pessoais como as resistências colectivas, é implicar-se numa determinada travessia de aparências, com o preço de uma eventual transgressão.*» (Pujade-Renaud, 1983, p. 18)

De que transgressão se poderia tratar aqui, de que resistências pessoais ou colectivas? Talvez aquelas que consistem a não ver mais no corpo do que um único suporte de marcas de pertenças socioculturais, esquecendo o corpo, é talvez, justamente, o único lugar onde encontrar simultaneamente a nossa singularidade mais íntima, a nossa pertença grupal mais constitutiva e os nossos invariantes humanos mais fundamentais. É o que parece pretender, em todo o caso, J.-M. Rugira que, com D. Bois, está só (no meu conhecimento) a trabalhar a questão do corpo sensível em formação, não a limitando a uma abordagem teórica, mais incarnando-a numa abordagem prática, no seio de um ensino universitário (Universidade do Quebeque em Rimouski para J.-M. Rugira e Universidade Moderna de Lisboa para D. Bois). Ao contacto do trabalho em somato-psicopedagogia, J.-M. Rugira diz-nos «*Eu aprendo que o que é verdadeiramente universal no ser humano habita no seu corpo, e que podemos reunir-nos ao corpo, através do corpo em movimento. (...) Eu apelo por uma abordagem somato-sensorial do acompanhamento. A escolha consiste então em permitir à pessoa acompanhada entrar em relação com o seu corpo e as suas invariantes, afim de encontrar uma via de passagem para se reunir com ela própria, e encontrar a sua voz para nos falar dela.*» (Rugira, 2002, p. 192)

Ninguém pode negar a dificuldade de uma tal desafio, sublinhado por F. Varela através desta constatação primordial: «*A capacidade de um indivíduo explorar a sua própria experiência não é dada, não é espontânea. É uma verdadeira tarefa que exige um treino, uma aprendizagem.*

De forma espantosa, não é dada aos seres humanos a capacidade de serem espontaneamente especialistas das suas próprias experiências.» (Varela, citado por Leão, 2003, p. 132)

Longe de constituir um problema, eu vejo-o mais como uma esperança, um potencial de crescimento humano. O adulto, que terminou o seu crescimento físico, será que ele acabou o crescimento da sua consciência, estará ele «no término» no que concernem as suas faculdades de percepção? A minha experiência de vinte anos leva-me a pensar que não, tal como os testemunhos acumulados da parte dos adultos que pudémos acompanhar num processo de formação nos sentidos, ou seja, simultaneamente às sensibilidades corporais e às significações que daqui emergem.

Eve Berger, consultora do CEIAP, professora visitante do Departamento de psicopedagogia e ciências da saúde da Universidade Moderna (UML) de Lisboa, coordenadora dos cursos livres da UML para a Escola Superior de Somato-Psicopedagogia e coordenadora da Escola Superior de Somato-Psicopedagogia de Pari, doctoranda-investigadora em Ciências da Educação em Paris VIII, profissional de psicomotricidade. Especialista da questão do corpo na educação.

Eve Berger

Bibliografia

Barbier, R. (1997). *L'approche transversale*. Paris : Anthropos.

Barbier, R. (1994). Le retour du sensible en sciences humaines. *Pratiques de formation/Analyses 28, Microsociologies*. Université Paris 8, Formation Permanente, pp. 97-118

Berger, E. (1999). *Le mouvement dans tous ses états*. Paris : Point d'Appui.

Berger, E., (2004). *Approches du corps en Sciences de l'éducation – Analyse critique des points de vue et positionnements de recherche*. Université Paris 8, mémoire de DEA, sous la direction de J.-L. Le Grand.

Bernard, M. (1976). *L'expressivité du corps*. Paris : Delarge.

Bois, D. (2001). *Le sensible et le mouvement*. Paris : Point d'Appui.

Brohm, J.-M. (1978) (textes rassemblés et édités par). *Quel corps ?* Paris : Petite collection Maspero.

Damasio, A. (1999). *Le sentiment même de soi : corps, émotions, conscience*. Paris : Odile Jacob.

Duret, P. & Roussel, P. (2003). *Le corps et ses sociologies*. Paris : Nathan Université, coll. 128.

- Fournier, M. (2002). Le corps, emblème de soi. *Sciences Humaines*, 132, novembre 2002, pp. 22-23.
- Hall, E. T. (1971). *La dimension cachée*. Paris : Seuil. (Traduction française, édition originale New York, 1966).
- Hatwell, Y., Streri, A. & Gentaz, E. (2000), *Toucher pour connaître*. Paris : PUF.
- Le Breton, D. (1990). *Anthropologie du corps et modernité*. Paris : PUF.
- Le Breton, D. (2002). *La sociologie du corps*. Paris : PUF, Coll. Que sais-je ?, 5^{ème} édition mise à jour.
- Leão, M. (2002). *Le prémouvement anticipatoire, la présence scénique et l'action organique du performeur*. Université Paris 8, thèse de doctorat en arts, philosophie et esthétique, sous la direction de J.-M. Pradier.
- Le Grand, J.-L. (s.d.). Pour une anthropologie existentielle critique en éducation permanente. [Artigo publicado em formato Stencil]. Université Paris 8.
- Lemaître, J.-M. & Colin, L. (1975). Groupes de formation, l'éclatement de la psychosociologie des groupes. *Revue Pour*, 41, pp. 15-39.
- Mantel, A. (1975). Le corps du délit. *Education permanente*, 28, mars-avril 1975, pp. 81-102.
- Mauss, M., (1936). Les techniques du corps. *Journal de Psychologie*, XXXII, n° 3-4, 15 mars-15avril 1936. Publié dans *Sociologie et anthropologie*, 1^{ère} édition 1950, 5^{ème} édition 1973, pp. 365-386.
- Merleau-Ponty, M. (1964). *Le visible et l'invisible*. Paris : Gallimard.
- Merleau-Ponty, M. (1964). *L'œil et l'esprit*. Paris : Gallimard.
- Noël, A. (2000). *La gymnastique sensorielle*. Paris : Point d'Appui.
- Pujade-Renaud, C. (1977). Du corps enseignant. *Revue française de pédagogie*, 40, juillet-août-septembre 1977.
- Pujade-Renaud, C. (1983). *Le corps de l'enseignant dans la classe*. Paris : ESF.
- Pujade-Renaud, C. & Zimmermann, D. (1979). *Voies non verbales de la relation pédagogique*. Paris : ESF.
- Roll, J.-P. (1993). Le sentiment d'incarnation : arguments neurobiologiques, *Revue de médecine psychosomatique*, 35, pp. 75-90.
- Rugira, J.-M. & Galvani, P. (2002). Du croisement interculturel à l'accompagnement transculturel en formation. *L'accompagnement dans tous ses états, Education Permanente*, 153, pp. 179-195.

- Sacks, O. (1988). *L'homme qui prenait sa femme pour un chapeau*. Paris : Seuil, Coll. Points.
- Salzer, J. (1978). *La place de l'« expression corporelle » dans la formation : analyse descriptive et critique de pratiques pédagogiques liées au geste, à la posture, au regard et à la voix*. Thèse de doctorat en Sciences de l'éducation, Paris 8, sous la direction de M. Lobrot.
- Salzer, J. (1981). *L'expression corporelle, un enseignement de la communication*. Paris : PUF.
- Vigarello, G. (2001). *Le corps redressé*. Paris : Armand Colin.
- Vigarello, G. (1992). Approches du corps. *Revue Française de Pédagogie*, 98, janvier-février-mars 1992.

Publicação dos Investigadores do CEIAP

Universidade Moderna de Lisboa

Trv. da Saúde 2.A

1449-022 LISBOA

Portugal

www.cerap.org

E-mail : info@cerap.org

Tél : + (351) 213 033 456